


## VIDA COTIDIANA E A PERGUNTA PELO HUMANO EM HUMBERTO GIANNINI

Íris Fátima da Silva Uribe<sup>1</sup>

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

 <http://orcid.org/0000-0002-9335-5120>

E-mail: irisf.uribe@gmail.com

### RESUMO:

O presente texto traz à luz uma discussão que devolve à filosofia a tarefa de pensar o cotidiano; centrado na pergunta pelo humano nas reflexões do mundo hodierno. Esse exercício de reflexão é fundamentado no livro: *La "Reflexión" Cotidiana. Hacia una arqueología de la experiencia* do filósofo chileno Humberto Giannini. *La "reflexión" cotidiana* analisa a profundidade do nexos pelo qual a vida intercrusa o estado de problematização filosófica e assim, interpelando-nos de muitos modos, mas, sobretudo, na real urgência de pensar a solidão do homem moderno. A pergunta pelo outro, o lugar do encontro, o diálogo, a rua, a rotina, perpassa o que Giannini denomina *arqueología de la experiencia*. A rua está sempre à disposição, o ir-e-vir cotidiano é o lugar não só por onde circulamos, mas, sobretudo é o lugar de memórias. É o lugar que nos põe de frente ao outro, mas também diante de si mesmo.

**PALAVRAS – CHAVE:** Humberto Giannini; Vida Cotidiana; Domicílio; Rua; Pergunta pelo Humano.

## EVERYDAY LIFE AND THE QUESTION OF THE HUMAN IN HUMBERTO GIANNINI

### ABSTRACT:

This text brings to light a discussion that returns to philosophy the task of thinking about everyday life; centered on the question of the human in the reflections of today's world. This exercise in reflection is based on the book: *La "Reflexión" Cotidiana. Hacia una arqueología de la experiencia* by Chilean philosopher Humberto Giannini. *La "reflexión" cotidiana* delves into the depths of the nexus through which life intersects the state of philosophical problematization and thus challenges us in many ways, but above all in the real urgency of thinking about the loneliness of modern man. The question of the other, the place of encounter, the dialog, the street, the routine, permeates what Giannini calls the archeology of experience. The street is always available, the daily coming and going is the place not only where we circulate, but above all it is the place of memories. It's the place that puts us face to face with others, but also with ourselves.

**KEYWORDS:** Humberto Giannini; Everyday Life; Household; Street; Question for the Human.

---

<sup>1</sup> Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN), Natal – RN, Brasil. Pós-doutor(a) em Filosofia pela Università degli Studi di Macerata (UNIMC), Macerata – Itália. Tradutor(a), Pesquisador(a) do GEPFIT da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís - MA, Brasil

## Introdução

O presente texto atém-se a pensar um tema que requer atenção da filosofia, o cotidiano, ou seja, *o que acontece, quando nada de novo acontece*, o lugar comum. Decerto, o cotidiano tem sido deixado um pouco à parte desde o classicismo, embora nos diálogos platônicos tenha sido recorrente. Nesta reflexão, o motivo impulsionador, consiste tanto em retomar uma discussão posta novamente em evidência na segunda metade do Século passado, a qual devolve à filosofia a tarefa de pensar o cotidiano; quanto retomar a pergunta pelo cotidiano nas reflexões do mundo hodierno. Cabe ressaltar, no entanto que um dos pioneiros da reflexão cotidiana foi o filósofo chileno Humberto Giannini (1927-2014), a seu ver, não só o cotidiano, o outro, o lugar do encontro, o diálogo, mas, sobretudo a pergunta pelo humano, constituíam suas indagações filosóficas. Infere-se, pois, a partir do livro: *La “Reflexión” Cotidiana. Hacia una arqueología de la experiencia*, do referido autor, voltar a essas indagações. Ademais, a escolha dessa temática deuse, não só por sua atualidade, outrossim, pela rememoração de uma década da sua morte (2014).

A primeira vista, recordemos um pouco a influência de Enrico Castelli na singularidade da experiência comum cotidiana, as quais Giannini traduziu de forma singular: a rua, a praça, a pausa, o bar, o inesperado encontro, o ir-e-vir, um entendimento humano do mundo e de nós mesmos, nele. Bem sabemos que a influência de Enrico Castelli não reduziu, na vasta obra do nosso autor, a herança de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Paul Ricoeur, dentre outros. Todavia, permanecemos na revalorização gnoseológica e ética da experiência comum; a vida cotidiana, vida que na singularidade de sua superfície torna-se seta para uma reflexão sobre aspectos essenciais da existência humana (Giannini, 2004, p. 18). *La “reflexión” cotidiana* mergulha na profundidade do nexos pelo qual a vida intercruza o estado de problematização filosófica e assim, interpelando-nos de muitos modos, mas, sobretudo, na real urgência de pensar a solidão do homem moderno.

O texto é um convite para reflexão sobre a rotina, a vida de todo dia, não como uma tarefa menor, mas ao contrário, na sua singularidade. A rotina é o ponto de integração entre rua e cotidiano, é circulante. Essa circularidade flui na vida e se interrompe nela, aparece e desaparece; põe em foco a condição humana, o passante- transeunte. O cotidiano, lugar do encontro, do ir-e-vir, interferindo no código de costumes que conduz à interpretação de contextos e cenários formados por pessoas e costumes do nosso próprio modo de estar no mundo; mas também contextos e cenários de outros horizontes.

A primeira vista, a arqueologia do cotidiano é uma presença invisível no movimento, no andar apressado ou distraído dos transeuntes, nos seus encontros ou desencontros, nas experiências (pessoais e/ou coletivas) nomeadas por “arqueologia da experiência”, mas também é o fio condutor da vivacidade da rua, enquanto lugar territorial e temporal, onde esta arqueologia, de certo modo, assegura certa objetividade no marco concreto no qual acontece a reflexão que nos apresenta Giannini interpelando a todos nós.

A estrutura do texto está pensada a partir da retomada da tríade conceitual essencial do tema em questão: ou seja, rua, rotina e cotidiano. Em seguida, aborda a atualidade da arqueologia da experiência indagando sobre a aproximação ao fenômeno; topografia; domicílio; desenvolvimento temporal; conceitos-chaves dessa temática. Por último, o despertar coletivo e suas dinâmicas, que por sua vez, contêm outros modos de vidas, ou seja, uma rotina sistemática e repetitiva onde o cotidiano é *o que acontece, quando nada de novo acontece*, motivador da pergunta pelo humano.

Considerando, portanto que em cada um destes interlocutores encontra-se uma realidade pela qual, de alguma maneira, se move o mero transitar cotidiano. Permito-me, entretanto,

concluir com um poema que nos remete ao tema, esta referência é: *Minha Rua* de Virgílio Moojen Oliveira; certamente não o analisaremos aqui; o poema fala por si só, a rua está sempre à disposição do ir-e-vir cotidiano, é o lugar não só por onde circulamos, mas, sobretudo é o lugar de memórias. É o lugar que nos põe de frente ao outro, mas também diante de si mesmo.

### **Rua↔Rotina↔Cotidiano**

Ao que concerne à rua↔rotina↔cotidiano e a relação entre elas, é claro que inclui o papel dos transeuntes nas topografias da vida cotidiana. Giannini pensa a rua como um retrato simbólico, por meio do qual, as mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados; por sua vez, o cotidiano é formado pelo conjunto de ações: desde a maneira de vestir-se, escolher os alimentos, ou seja, todos os costumes, hábitos, pensamentos e crenças. A seu ver, o cotidiano presente nos costumes, no contexto, no cenário. Nessa manifestação de composições e de orientações para o mundo, embalado em símbolos e formas simbólicas. Mas, para além da transcodificação da cultura nas ruas, praças, bares está o retorno ao ponto de partida, ao *domicílio*. O filósofo do cotidiano escreve, “Um só passo mais além, um só instante antes ou depois, e tudo pode se transformar na vida do transeunte. Nessa análise da rua como meio e limite da circulação tocaremos o subsolo do cotidiano onde começa nossa tarefa arqueológica” (Giannini, 2004, p. 40). Tendo em vista, que a rua não é só meio, é também limite.

A rua testemunha o início e o fim dos nossos afazeres rotineiros e o retornar deles, comunica o cerne deste ir-e-vir da circulação cotidiana. Todavia, o que essa rotina quer nos dizer? Não se trata apenas da repetição das mesmas tarefas, *dia após dia*, como um movimento rotativo que regressa sempre ao seu centro. Giannini põe no modo subsequente, “é significativo que o termo rotina, provenha de rota e talvez de roda, quer dizer, do meio que torna possível a circulação do tempo cotidiano, neste caso. Pois, essencialmente, a rota, a rua, é isso: meio de circulação” (Giannini, 2004, p. 37). Por conseguinte, mais do que retratar um espaço, a rotina retorna para descrever um tempo que retorna à mesma coisa, onde topograficamente, o indivíduo retorna em forma de ciclo para fechar aqueles que já se iniciaram.

Esta sequência temporal gera o retorno de onde se partiu, a exemplo da rua, o local de partida foi o *domicílio* como o ponto para onde se retorna sempre, não importando os horizontes, é o lugar do princípio e do fim, onde o indivíduo consegue despojar-se dos seus papéis e regressar a si mesmo. Desta forma, a mesma lógica rotineira: *domicílio-rua-trabalho-rua-domicílio*; tanto o início quanto o fim do cotidiano estão submersos à reflexão doméstica que nos permite retornar à rotina do cotidiano. Nas palavras de Giannini, “para uma primeira delimitação do fenômeno do cotidiano, ou rotina; tendo em vista que, ainda não estabelecemos a diferença nítida entre ambos os termos, considera-se ser *o que acontece quando nada acontece*, descrição ambígua, mas apropriada como ponto de partida” (Giannini, 2004, p. 41).

Cabe inferir que *A "reflexão" cotidiana de Humberto Giannini* como uma fenomenologia da topografia, uma cronologia da vida cotidiana, de acordo com Jorge Acevedo a descrição do território da existência cotidiana retoma quatro lugares fundamentais: o *domicílio* como ponto de partida, a rua, o local de trabalho e, novamente, o *domicílio*, mas como ponto de chegada. O cerne desta estrutura topológica consiste no *domicílio* e no local de trabalho; o primeiro representa um espaço permanentemente voltado para as minhas necessidades singulares, com objetos à disposição para o meu uso pessoal, meu bel prazer; o segundo representa o lugar da minha disponibilidade para o Outro: disponibilidade para a máquina que tenho de fazer produzir para o patrão; o chefe, para a clientela; disponibilidade para o público, para o consumidor. Um ser para

outros para poder ser para si próprio (Acevedo, 1993-1994, p. 5-6). O mundo do trabalho, portanto, possibilita o convívio com o outro.

Importa-nos, de modo singular, a análise de Maximiliano Figueroa a qual retoma a experiência cotidiana, ou seja, o argumento no qual, Giannini põe no centro de sua reflexão a humanidade de cada um, a de todos nós, não alcançada na solidão, tampouco nas experiências de desencontro, de intolerância, incompreensão ou indiferença, pois, é na disponibilidade para o encontro e na convivência com os outros que nos damos conta do enclausuramento de nossas individualidades. É na busca da experiência comum voltada para encontrar, na vida cotidiana, uma espécie de absoluto empírico que ilumine a experiência moral que nela se enraíza que se pode alcançar a virada do curso dos assuntos humanos, especialmente um: o da vida em comum (Figueroa, 2010, p. 73).

Muito se tem discutido acerca da experiência comum, na re-flexão do filósofo da convivência humana a experiência humana é o lugar simbólico de expressão. A seu ver, a rua é um texto vivo cuja dinâmica requer interpretação, uma hermenêutica da rua como meio de circulação ou comunicação. Figueroa perpassa três sentidos fundamentais da rua no olhar de Giannini: *o sentido político, o sentido ético e o sentido existencial*.

Em primeiro lugar: o sentido político, a rua possui na instituição democrática uma função que Giannini propõe chamá-la “simbólica”, quer dizer, a rua constitui o âmbito da absoluta equiparação ontológica entre os que vão e vêm nela. É, portanto, o lugar favorecido da cidadania, o meio primário elementar, para a possibilidade da comunicação cidadã e a ação concentrada. Nesta condição, Giannini retoma em certo sentido, o nascimento da democracia ateniense, na qual nos espaços abertos da praça (*ágora*) se produzia a convergência, a reflexão cidadã e o encontro Socrático (Figueroa, 2010, p. 76).

Em segundo lugar, o sentido ético. Nesse sentido, a rua é meio de comunicação “também no sentido de ser lugar de encontros ocasionais entre os que vão e vêm, cada qual por seus próprios assuntos, e que neste ir-e-vir preocupado com, formam a realidade patente, visível do próximo” (Giannini, 1992, p. 25). Esta passagem, citada no livro *La experiencia moral*, é retomada por Figueroa para recordar que o significado de próximo, para Giannini não é simplesmente outro homem, qualquer, de qualquer tempo e lugar. Significa “meu” próximo, uma humanidade concreta, casual, encontrada inesperadamente na rua; cuja proximidade eu não escolhi, mas surge em minha rota em sua natural humanidade de transeunte.

No que concerne à percepção do outro, o argumento de Giannini consiste no seguinte: ao me distanciar da minha identidade domiciliária; enquanto me desprendo também de funções, de cargos, de poderes e dignidades me separo da personagem que sou no mundo hierárquico do trabalho, me ponho em condições de perceber o *outro* como meu próximo. É, portanto, na abertura da rua que desaparece ‘transitoriamente’ estas diferenças; podendo nos restituir a dimensão exata de *humanidade imprevisível*, exposta em nossa pura transitoriedade aos outros e aos que transitam (Figueroa, 2010, p. 77).

Mas, em que consiste a ética da proximidade? A proximidade abrange a experiência do existir não só com o outro, mas diante do outro; uma existência que nos impõe exigências de respeito e reconhecimento, de tolerância e reciprocidade. Existir diante do outro, a essência do estar junto o estar ‘sob o olhar do outro’ Giannini esclarece o subsequente,

Apelando a sua dignidade de sujeito, o outro, em qualquer instante pode voltar-se para mim e en-carar o que estou fazendo; significa que eu sei que estou exposto a sua interpretação e a seu julgamento. E porque isso é importante para mim, – ou melhor, quando realmente importa para mim –, estou mesmo diante do outro. O próximo, àquele com quem me encontro nos afazeres, no trabalho, está em seu direito constitutivo de seu

ser-com, de questionar-me de julgar-me pelo que faço (e não deveria fazer) ou pelo que não faço. Muitas vezes não ocorre que a plenitude e a atualidade da relação ‘diante-do-outro’ se deem no espaço onde estou realizando algo com alguém. Justamente, este mesmo pode ser o espaço da rotina e da resistência, onde sujeitos e objetos permanecem em um estado de evasão e de penúria morais. Em pleno convívio (Giannini, 1997, p. 26).

Assim sendo, o fio condutor da compreensão na qual a proximidade, o existir, atenuam a possibilidade da indiferença insolidária entre os sujeitos, ao mesmo tempo em que amplia a possibilidade de nos fazer sentirmos responsáveis uns com os outros, para Giannini isso significa experimentar que minha ação ou minha omissão pode marcar uma diferença na vida do outro, que está diante a mim, e fazer que nossa coexistência não se transforme em um mero *modus vivendi* hobbesiano, mas tornar possível compreender que se trata de uma experiência moral fundamental que nos reclama e constitui, precisamente, como agentes morais (Figuroa, 2010, p. 77-78).

Em terceiro lugar, o sentido existencial. Em sua condição de território aberto, a rua pode ser interpretada a partir de algumas passagens de Giannini como uma metáfora da vida mesma. Nela, o homem pode tornar-se consciente de que sua condição de transeunte é também uma condição existencial, *homo viator*, diriam os medievais. Poderia interpretar-se como o espaço que pode provocar em nós a *disponibilidade* para a vida e a alteridade em geral. Contudo, Figuroa afirma motivar em nós um ser aberto, disponível para o acontecimento inesperado, para a captação dos novos sentidos que podem produzir-se, liberado das preocupações exclusivamente privadas (domiciliárias), e trabalhistas (rotineiras), conscientes da pluralidade de experiências em que se constituem os seres humanos. A possibilidade de uma consciência hospitaleira, como diria Giannini (Figuroa, 2010, p. 77).

O filósofo chileno pensa ou “almeja” uma cidade na qual o pedestre transeunte interaja com as paisagens urbanas. A seu ver, pensar espacialmente é recuperar um tempo humano e certo ritmo de vida no qual o sujeito possa exercer a re-flexão, o regresso a si mesmo como fundamento de uma autodisposição psicológica e moral, como condição para evitar o extravio de si, como habilitação de um existir autônomo. Uma cidade para a passagem humana remete a uma cidade onde o tempo e o ritmo da vida humana devia comportar a possibilidade da reflexão como experiência própria do ser humano indispensável para evitar sua desumanização (Figuroa, 2010, p. 80).

Podemos observar o teor do “Prefácio” escrito por Paul Ricoeur para a quinta edição do referido livro: *La “Reflexión” Cotidiana. Hacia una arqueología de la experiencia*, o filósofo francês, em diálogo permanente com as ciências humanas, não deixou passar despercebida a pergunta pelo significado da vida cotidiana e em que consiste seu movimento reflexivo. A seu ver, o ‘acontecer’ constitui o primeiro esboço da repetição que dá origem a reflexão, a continuidade e seu caráter de *rotina* que se deixa apreender como dupla circularidade: circularidade topográfica, configurada pelo trajeto que leva do domicílio ao trabalho, passando pela rua e que regressa, outra vez pela rua, ao domicílio. Essa circularidade temporal, homóloga ao precedente, consiste na volta da semana e do domingo, repetição na qual se moldura nos tempos respectivos do lugar, o trabalho e os encontros na via pública, haja vista que,

[...] Em ambos os casos, é a rua mais que o domicílio, a que oferece as profundidades mais desconhecidas, mas inquietantes, já que é alí que tudo pode acontecer. É, sobretudo em seus atalhos onde a rotina pode ser, talvez, desviada de seu insípido trajeto de retorno. A transgressão – o abandono da via reta – aparece imediatamente como um conceito chave, símbolo de volta da rotina contra si mesma (Ricoeur, 2010, p. 213-214).

O “curto-circuito” entre a circularidade do cotidiano e a reflexão das filosofias reflexivas evidencia que, o mais inesperado não é que a reflexividade inscrita nos lugares e nos tempos seja elevada ao nível reflexivo, a linguagem se encarrega bem disso, ao mostrar a circularidade das vozes permutadas na conversação. Para Ricoeur o inesperado é que esta permuta seja a ocasião de uma transgressão específica da rotina, a qual Giannini denominou transgressão linguística. Em outras palavras, a abertura da conversação para algo mais que uma permuta de informação, algo que possa ser disputa, conflito, enfrentamento de convicções e, deste modo, aspiração para uma experiência comum. Ricoeur ressalta àquela experiência comum na qual o retraimento domiciliário inicial se transmuta em hospitalidade, como se pode observar,

[...] A contaminação no sentido inverso da reflexão dos filósofos pela reflexão cotidiana, não é menos surpreendente e instrutiva. O conflito não poderia julgar um papel menor no plano da vida reflexiva que na vida cotidiana. Seja pela voz do mito ou da narração, o conteúdo *agnóstico* da reflexão aparece como impossível de ser superado. O que poderia superar o conflito seria uma maneira de mostrarem-se mutuamente as coisas. Esse “mostrar mútuo” se revela como o único capaz de liberar o deserto da rotina (Ricoeur, 2010, p. 214).

No âmbito do cotidiano e do especulativo o “curto-circuito” ao qual Ricoeur se refere não quer dizer que seja o caminho mais curto, se assim fosse não se poderia falar de arqueologia, tampouco de transgressão da rotina por meio do fenômeno da fala que é a conversação. Ao que concerne aos modos *degradados* da vida cotidiana, que Giannini vê como exemplos a preguiça e o tédio numa arqueologia dos sentimentos põe em movimento uma arqueologia das palavras e uma travessia das tradições, iniciada justamente no deserto, com os monges cristãos do Oriente. Ricoeur evidencia o teor em destaque,

[...] Foi no deserto onde foi ‘descoberta’ a tristeza, angústia, amargura como pecado capital, esta indolência viciosa, que é a própria rejeição de avançar na rua. Neste ponto de vista a fenomenologia se constrói sobre a base de uma sintomatologia no nível do vivido e, a luz sobre uma exegese no âmbito das criações verbais. “Deste modo, se constitui de proximidade em proximidade, a rede da indolência, do descuido, do “horror ao vício” (Vico) da ‘tristeza do bem interno’ (Santo Tomás). Ao regresso desta escavação profunda, a rotina se revela em sua verdade dissimulada, como desolação desértica (Ricoeur, 2010, p. 215).

A partir desse estágio, pode-se dizer que a referência não é mais, no olhar de Ricoeur, a fenomenologia neutra de Heidegger, mas a visão trágica e quase apocalíptica de Enrico Castelli. Giannini aborda o estatuto de *si mesmo* como referente de todos os fenômenos que concorrem na trajetória progressivo-reflexiva de uma existência. Por sua vez, para Ricoeur importa o seguinte: se a pessoa não consentir em identificar a reflexão com uma fuga da vida cotidiana, a única saída que resta, é a de examinar novamente o laço simbólico, suposto por Giannini, entre reflexão corporal e reflexão psíquica. Isso quer dizer, que ainda não se esgotou a pergunta acerca do dinamismo que subentende o simples trajeto topográfico e temporal antes evocado, esse dinamismo do qual a indolência e o tédio marcam a degradação. Talvez seja essa a razão de Giannini revigorar os atos significativos implicados nos trajetos cotidianos e, além disso, as relações que os unem a um ato significativo único.

Dito de outro modo consiste na reflexão como um simples retorno a um eu já constituído, o qual antes de ser um ato de retirada de si mesmo, é um ser afetado pelo que acontece. O que acontece é um poder que advém e desperta o eu para si mesmo. No olhar de Ricoeur, a liberdade cessa, então, de mostrar-se como disponibilidade gratuita e permanente de si mesmo, ela deve ser

ainda despertada e revelada a si mesma. Seria necessário refazer o trajeto do domicílio ao trabalho, passando pela rua, sob o signo dessa passividade fundadora a qual Giannini chamou de *hospitalidade*. Pois ela não se exerce só em casa, mas em todo lugar. “O que acontece” pode invocar, por sua virtude sedutora, a outra sedução, a da inércia, que assola as travessias desérticas (Ricoeur, 2010, p. 216).

### Aproximação ao fenômeno

A estrutura espacial do cotidiano, descrição de um lugar (topografia), e a estrutura temporal correspondente (cronologia) nos conduz ao fenômeno que nos é mostrado pelo (método) o caminho para alcançar o seu sentido, o fundamento, a *arché* de nossa arqueologia. A referência é a um caminho que não leva a nenhum tipo de realidade mais profunda, mas evidencia a aparência e *inautenticidade* de nosso viver cotidiano, nos convidando a substituí-lo. Isto não pode ocorrer porque a cotidianidade não é categoria, um modo de ser que, vivendo, se reitera silenciosamente no seu dia-a-dia. O nosso autor se atém a estrutura e sentido deste modo insubstituível de ser (Giannini, 2004, p. 26-27). É o próprio existir cotidiano que se encarrega de nivelar e de esconder ou dissimular suas próprias profundidades e isso nos permite compreender o fenômeno das coisas tal como se nos aparecem na primeira visão integral, Giannini sustenta o argumento abaixo,

[...] Esta metodologia de acesso extensional de topografia, de onde deveriam ir surgindo os primeiros signos e rastros que nos endereçam à segunda instância dessa pesquisa: a arqueologia. Esta segunda etapa ocorrerá paralela ao que se chamou ‘etimologia fundamental’, a propósito da linguagem; que em ambos os casos o método se aventura mais além da convencionalidade das palavras, hipóteses tão da incomunicabilidade das consciências, fato tão dramaticamente atual; que em ambos os casos se aventura para um subsolo comum, vedado, invisível em uma primeira incursão, a experiência privada, enquanto tal (Giannini, 2004, p. 28).

No que diz respeito, em um olhar extensional, a totalidade do fenômeno – partimos do significado de topografia, ou seja, cronologia do cotidiano; a partir deste esquema ‘espaço temporal’, no âmbito descrito e delimitado superficialmente, teria que sugerir pontos estrategicamente adequados para acessar, primeiro, aos modos de dizer cotidianos e, daí aos modos de disponibilidade de Si e de ‘reflexão’. Contudo, pode-se acessar uma brecha teórica nesta cotidianidade na qual estamos desde sempre. Giannini questiona como se apresenta este fato básico e radical de sua vida. Como se percebe *ali mesmo* sua experiência cotidiana? O que caracteriza ou representa melhor essa vida ‘passageira’ da vida cotidiana? Que símbolo mais apropriado do ir-e-vir que a rua por onde transitamos todos os dias? Não é ela o *topos* do ir-e-vir, do acontecer cidadão? Tomemos, pois, a rua como ponto provisório de referência. Esta rua pela qual eu – como tantos outros – vou e venho todos os dias; todos os dias, em determinada hora *voltam* a repetirem-se os jornais, o varrer das ruas, o abrir/fechar das cortinas das lojas, etc. etc. (Giannini, 2004, p. 28-29).

Nesse contexto cotidiano tudo se repete, todavia o que acontece quando nada acontece impulsiona a suspeita que não será fácil caracterizar um fenômeno tão indescritível quanto este. Sair para observar a rua: o que acontece com a vida que flui, ou se detém nela? Fazer uma espécie de investigação filosófica; oferece o inconveniente próprio da invisibilidade das coisas mais próximas e familiares, que pelo fato de contar com elas, de tê-las disponíveis à mão, nem sequer as identificou. O cotidiano é algo assim: aparece e desaparece de nós, como o antimistério por excelência, como a mais desafiadora das rotinas (Giannini, 2004, p. 29).

[...] O termo “acontecer”, é ambíguo em relação a sua referência porque, por um lado, ‘acontece’ o que repentinamente se instala no meio da vida, o que irrompe nela como novidade (O que aconteceu?). Por outro lado, significa o fluir, o que em sua transitoriedade, não deixa rastros, ao menos visíveis. Nós passamos pela rua: não estamos nela; transitamos, somos trans-euntes para territórios que uma topografia da vida cotidiana vai agora determinar. E o fará justamente a partir da constituição transitória da rua (Giannini, 2004, p. 29).

Em um texto intitulado, *Elogio de la experiencia: aproximaciones a la obra de Humberto Giannini*, Navia Pizarro analisa a linguagem no âmbito da argumentação de Giannini a qual permite saltar a barreira que separa as subjetividades, uma vez que possibilita a conquista de uma dimensão profunda da vida humana. Linguagem da cotidianidade; cotidianidade que devém linguagem. Ou seja, linguagem e cotidianidade são equivalentes (Navia, 2010, p. 42). Na linguagem da cotidianidade se sedimenta o próprio e o impróprio da experiência. Linguagem e experiência possibilitam postular a universalidade de uma experiência que se estabelece no espaço aberto para o que confluíam as subjetividades: o sentido comum (Navia, 2010, p. 42).

Giannini traz à luz uma “presença deficitária”. Com sua caracterização do “apenas estar juntos” [...] (cada um a seu modo). Nesse “apenas estar juntos”, segundo Navia cairia por terra a ideia de comunidade, de necessária vinculação e comunicação social. No entanto, aqui nos interessa a associabilidade da sociedade contemporânea enquanto signo do nosso tempo (Navia, 2010, p. 41). O que pode haver de comum em um mundo desencantado, que perdeu todo princípio vinculante, e onde os indivíduos se converteram em seres automatizados e insolidários? A reflexão sobre a função universal-vinculante, aglutinante, da linguagem é o suposto da base para Giannini sustentar a ideia de uma experiência comum, intersubjetiva, que aconteceria dentro da desintegração e dissolução progressivas da experiência.

Cabe destacar, o que Igor Albornoz tem enfatizado, isto é, para Giannini a linguagem não pode ser tratada como um simples instrumento, já que antes de ser uma ferramenta por meio da qual nos comunicamos, *é uso*, ou seja, a linguagem não é um mero produto artificial de nossa espécie, que se tornou fortuito a nosso estado atual de consciência. A linguagem é o lugar onde se resolve a existência do ser humano. Este trazer para si do mundo necessariamente é uso, porque é no contato direto com as coisas que a intimidade do espírito humano se revela (Albornoz, 2010, p. 51-52).

## Topografia

No concernente à topografia cotidiana, a rua não é só a descrição de um lugar, um meio de circulação que, por sua vez, remete a percurso e como já sabemos percurso é um sinônimo intrínseco de rotina. Essencialmente a rua é circulação que cumpre a tarefa cotidiana de comunicar os dois extremos, o lugar onde encontramos o nosso próprio ser (o domicílio) e o lugar do ser para os outros, (o trabalho). Giannini humaniza a rua, colocando-a muito além do primeiro meio de comunicação coletiva. A rua, presente em seus espaços de convergência e de abertura chama atenção dos transeuntes. Seja quando um produto de trabalho é oferecido numa loja de uma forma apelativa, ou quando invade e persegue com uma eloquência eficaz para entrar na mente de cada indivíduo social de uma forma inconsciente.

Além disso, neste espaço comunicativo, a opinião pública emerge com as suas várias formas sob a forma de protestos ou manifestações murais, que sintetizam preferências que depois emergem como uma exposição de carácter expansivo. Giannini fala dos encontros ocasionais que surgem na rua, mas também da preocupação com o vizinho e o seu sentido humanitário, porque



este vizinho fala daquele ser que está em contato contínuo, que pode aparecer em uma esquina, que caminha ao seu lado, que interage de forma inconsciente, mas que não pode ser desconhecido do seu sentido humanitário. A rua pode ser tomada como um meio e também como um limite à vida cotidiana, pois aqui pode haver a tentação de romper com as normas estabelecidas desta vida programada, é na rua que existem profundezas desconhecidas onde o transeunte se pode esconder no anonimato das grandes cidades, que desempenham o papel de tubos que aspiram aos homens.

Além disso, a liberdade de expressão pública, a liberdade do encontro é conquistada, não só na rua, mas essencialmente conquistadas também para eles; a rua é um lugar de todos e de ninguém, nela o homem torna-se indiferente e igual a todos os outros. No meio deste fluxo humano, o ser consegue libertar-se do peso e da responsabilidade que advém do encontro consigo mesmo em seu domicílio e na hora de render-se para um sistema capital no trabalho. Nasce a ação do desapego, que nos leva a encantarmo-nos com as coisas, a caminhar sem rumo e a sair do fluxo do tempo, devolvendo-nos à humanidade nua que não exige formalidades, hierarquias e distinções razoáveis e nos mostra a condição humana na relação com o outro.

Em um dos últimos livros de Giannini, intitulado: *La metafísica eres tú* (2007), a re-flexão cotidiana e as suas derivações éticas norteiam-se na intersubjetividade, no encontro afetivo e intelectual com o outro. Destacamos algo que nos recorda Cecilia Sánchez, desde 1987 com a publicação da primeira edição de *La reflexión cotidiana, La experiencia moral* (1992) e *La metafísica eres tú* (2007), já citado, a palavra “re-flexão” se separa por um hífen para advertir que seu emprego não alude somente a uma dimensão psíquica também possui um sentido *espacial*, pois forma parte de uma “unidade ritimico-reflexiva”, marcada por saídas e retornos a um ponto de partida. Giannini analisa a estrutura do habitar a partir do enlace com o corpo e a memória do hábito (Sánchez, 2010, p. 11-12).

## Domicílio

A reflexão cotidiana, nos termos apresentados por Giannini tem seu próprio movimento, sua própria circularidade, o homem sai de si e regressa a si; ao sair do seu domicílio, percorrer as ruas, executar seu trabalho, e retornar a seu domicílio, ao seu si mesmo, topograficamente falando. O *domicílio*, enquanto tal pode ser associado como símbolo da individualidade humana, tal como a rua pode ser símbolo de sociabilidade e abordada em termos coletivos. Não obstante isso, na perspectiva de Giannini o homem é simultaneamente singularidade e sociabilidade, um duplo sentido contraditório e ideológico que exige uma análise mais profunda da relação entre *domicílio* e identidade. Desde o sair deste *domicílio*, início do encontro com o próprio ser, começa o espaço público, que lhe é próximo, no mesmo bairro, perto da mesma casa, até se perder na imensidão da cidade, este espaço deve ser atravessado para se chegar a um novo foco que orientará um novo ciclo cotidiano.

A rotação cotidiana se configura em torno do ponto ao qual se retorna sempre e de qualquer horizonte. Este ponto ganha, então, a qualidade de eixo de todo o processo. Tomemos aqui um emblemático exemplo feito por Giannini,

[...] É verdade que poderíamos imaginar que um vendedor ambulante, por exemplo, que sempre era para terminar em outro ponto de onde partia para realizar suas atividades. Ou a um fugitivo, em perpétua fuga. Não é impossível imaginar – ou até mesmo carregar por um curto período – uma existência tal, que deva refazer cada manhã contornos e horizontes. Dom Quixote, por exemplo. Tal existência é radicalmente oposta a de um viver cotidiano, quem experimentou qualquer destas situações, foi durante essa experiência, um ser diferente de nós, seres domiciliados (Giannini, 2004, p. 31).

O domicílio é uma categoria essencial na estrutura descrita por Giannini, não só permite o retorno às origens, mas a separação protegida da dispersão da rua e da alienação do trabalho. A sua definição de domicílio é uma chave imprescindível que nos permite ir além e fazer da condição do "eu domiciliado" o centro de nossa perspectiva. O domicílio retrata a singularidade humana, do mesmo que a rua é uma indicação de sua universalidade. Não se quer aqui diminuir a importância do trabalho que também ocupa um lugar crucial, tendo em vista, ser o lugar da condição do *homo faber* cujas especificidades vão além do domicílio. Não se trata de associação a imagens de convivência familiar, a tradições e afetos. Para Giannini, *Ser-domiciliado*, é o homem da caverna de Platão, é o anacoreta, totalmente domiciliado; diríamos ainda, o mendigo que se abriga sob as pontes, o nômade, com suas tendas ambulantes; o recruta, no quartel, etc. É claro que não se trata de uma categoria só do ser humano: a animalidade mais humilde também a possui. Assim sendo, não há como negar o refúgio, o abrigo ou o ninho materno, a casca ou o casco, ou seja, a primeira dimensão de mundos tão diversos e incomensuráveis; cada indivíduo começa a receber a história da espécie para construir seu mundo, tecê-lo a seu modo, vislumbrando seus horizontes e criando, dentro deles, as fendas circulares de sua biografia cotidiana (Giannini, 2004, p. 32).

É, portanto no domicílio onde ocupamos o nosso tempo neste reencontro com a miséria e a disponibilidade assumindo um momento sem tensões simbólicas. Seria o trabalho a resposta real àquilo que nos é invisível ao toque? Temos consciência do rumo que o nosso cotidiano e a finalidade dos nossos dias adquirem, ou da monotonia que nos inunda? Giannini atribui ao domicílio o lugar símbolo de um *regressus ad uterum*, de uma humanidade que está protegida das formalidades e exposições. O mundo, com suas postergações, com sua implacável competência, 'está além'. No entanto, no domicílio ocorre uma espécie de reencontro com um mesmo (Giannini, 2004, p. 59). O domicílio funciona como uma força motriz que nos conduz, através da reflexão cotidiana, para uma razão cotidiana, que é o trabalho. É disso que preciso para me desfazer de mim, porque é um espaço permanente para as minhas necessidades. Ao me tornar um ser para o outro passo a ser para mim, num tempo exterior e mediatizado.

### Desenvolvimento temporal

Certa vez, nos conta Giannini, alguns estudantes recitavam nas suas versões simplificadas e diversas a conhecida distinção entre fenômenos físicos: espaciais; e fenômenos psíquicos temporais.

Ora, a ideia de fenômeno, empregada universalmente pelos medievais (no sentido dos transcendentais medievais), tem, por certo, a virtude de não pressupor, e por isso se defendeu, nada subsistente, limitando-se a descrever o aparecer do externo ao interno (à consciência) ou do interno diante de si mesmo. Para Giannini cabe a dúvida, se o termo fenômeno assim aplicado, esteja dizendo menos do que a consciência normal realmente percebe como o próprio do mundo externo em cada unidade subsistente: sua relativa estabilidade; a retenção de seus modos de ser. A seu ver, é justamente o que conota a ideia de *coisa*. A discussão que Giannini fomenta consiste em que se tenha transferido ao mundo externo uma das condições dos fenômenos psíquicos: o aparecer sem permanecer. O caráter exclusivamente temporal destes (Giannini, 2004, p. 134).

Não obstante, não vamos embarcar aqui em uma especulação sobre a essência do tempo e do espaço, condições universais do que acontece, em geral: do fenômeno e do cósmico. O filósofo do cotidiano considera ser essencial descrever o modo no qual aparece o dinamismo de unificação e entrelaçamento dos momentos que concebemos como momento de continuidade do *Si mesmo*;

mas este dinamismo sempre referido às coisas que nos ocorrem e segundo a articulação cotidiana da ocorrência. A fim de nos manter nesse marco (Giannini, 2004, p. 134).

A partir dessa perspectiva, parece inquestionável que o *Si mesmo* da unidade psíquica é radicalmente diferente do que constitui a unidade espacial; coisa ou fenômeno externo.

As entidades reais (coisas) e seus aspectos discerníveis possuem o que caberia denominar um desenvolvimento espacial. Em outras palavras, Giannini está nos dizendo que:

[...] cada entidade física – a coisa natural, a partir de um núcleo não visível: seu ser mesmo, sua essência; a artificial, a partir de uma ideia inscrita e manipulada em certa matéria prima – forma um feixe compacto de aparições, todas referidas a esse núcleo que as faz ser o que são e permite chamá-las como chamamos. A percepção comum das coisas. Individualizaremos tal unidade, primeiro de um modo exclusivamente formal, dizendo, por exemplo, que a unidade espacial se caracteriza por sua não divisibilidade (imediate) em outras unidades tais como ela mesma (Giannini, 2004, p. 134).

Positivamente, poderia caracterizá-la logo pela coexistência de distintos modos (cor, forma, tamanho, etc.), em algum sentido solidário, ou por ser origem ou centro de distintas perspectivas através das quais o ser da coisa se exhibe e se destaca em sua própria unidade (Giannini, 2004, p. 134). Está, portanto demonstrado que tais modos e perspectivas constituem que *a coisa seja ao mesmo tempo tudo o que ela é*; que neste momento é quando posso e poderia ser para conservar seu ser próprio, sua identidade (Giannini, 2004, p. 134).

Pois bem, nada semelhante ocorre com o fluir interior da existência humana. O autor resgata o seguinte exemplo, sou aquele que está escutando as notícias, é o ato significativo de escutar. A seu ver, isso ocupa completamente o tempo atual de sua consciência. Um instante depois, ele é aquele que se sobressalta pelo que escutou e começa a especular sobre o alcance daquilo; mesmo que por um momento: ele tomará tais e quais precauções.

Atos sucessivos e diferentes em seu significado: escutar-interpretar-decidir, e que constroem outro tipo de unidade: *daquilo que não pode desenvolver ao mesmo tempo tudo o que é* da forma das coisas com desenvolvimento espacial. Os fenômenos psíquicos conformam, pois, certa unidade com exclusivo desenvolvimento temporal. Para Giannini essa unidade implica por analogia a unidade própria da coisa física, *modos* específicos de *conexão*. No entanto, para a ideia de núcleo na coisa física corresponde a ideia de sucessão articulada de atos, em cada momento de cuja articulação, o nexos relacionante se está relacionando absolutamente consigo mesmo. É uma relação autorreflexiva. Nesse modo de continuidade próprio da consciência, mas sempre referido às coisas que nos ocorrem e segundo a articulação cotidiana de cada ocorrência (Giannini, 2004, p. 135). Observemos o que escreve o nosso autor,

[...] Esta delimitação significa, por exemplo, que agora estou aqui, nesta estação ferroviária, e não em outro lugar, deve haver, então, um enlace com minha localização prévia em outro lugar. Pois só assim este *trajeto* espacial realizado por meu corpo e anova situação frente a qual eu estou, representam a unidade desenvolvida espacialmente de um modo absoluto de relacionar-me com o mundo. Estou aqui – declaro – porque queria te ver. Eu desejo *um dos modos de relacionar-me com o mundo*, nexos absoluto com ele, é *causa última*, sentido e justificação do trajeto que meu corpo significante descreveu agora no espaço do mundo (Giannini, 2004, p. 135).

Infere-se, pois, que para Giannini a continuidade da minha trajetória no mundo não pode ser compreendida a não ser mediante o conhecimento dos nexos. Deste conhecimento – comum, além disso – depende também a eventual compreensão que os outros alcancem de minha conduta. A seu ver, não é possível continuar contornando o fato que estes nexos que vão estimulando a

continuidade dos trajetos são atos de um Eu relacionante, que a ele pertence em todos os atos objetivamente registráveis que constituem a linha da nossa biografia pessoal. Por isso, se nos referirmos à *experiência* desta continuidade no tempo, não nos será possível continuar contornando este Eu, nos libertarmos dele, mesmo que reconheçamos o que ele tem tanto no âmbito invisível quanto no formal (Giannini, 2004, p. 136).

Invisível, porque ele está sempre por trás dos atos que realiza no escuro, retraído. Giannini recupera um exemplo que nos é familiar: “mais retraído que a mão em relação ao lápis com o qual ela escreve; e das coisas que escreve. Com efeito, por um ato artificial posso desviar minha atenção da escrita para a mão que escreve, mas não dos atos para o Eu que os detém” (2004, p. 136). Tudo entraria em colapso. A seu ver, esta experiência básica, aporética, enquanto experiência de um objeto gnosiológico que por impossibilidade ontológica não pode experimentar-se objetivamente é *inobjetivável*. E assim, o Eu, ao pretender voltar-se sobre si mesmo para apreender seu ser, foge para se esconder atrás dos atos que apresenta e mantém – Fechando-se em si mesmo, como uma inserção, para não ser pego - e em seu movimento só deixa um fragmento ou uma forma vazia, mas indubitável de si mesmo (Giannini, 2004, p. 136). Que a vida consciente seja vulnerável em seus regressos cotidianos para si mesma.

### Considerações finais

Conforme mencionamos na introdução, o escopo deste texto consistiu em pensar um tema que mesmo que tenha sido pouco explorado pela filosofia, é sua tarefa explorá-lo, falamos de: Vida cotidiana e a pergunta pelo humano em Humberto Giannini. Vale lembrar, que factualmente, o cotidiano fora esquecido durante muito tempo desde o classicismo, mesmo que já constasse nos diálogos platônicos. Nessa perspectiva, retomou-se uma discussão iniciada na segunda metade do Século passado, cujo escopo era devolver à filosofia a tarefa de pensar o cotidiano, e, por conseguinte, renovar a pergunta pelo cotidiano nas reflexões do mundo hodierno. Ao longo do texto perpassamos a essencialidade do ponto de partida, o qual é simultaneamente o ponto de chegada, isto é o *domicílio*, o lugar singular da convivência humana e essencial para o nosso autor.

Exercitando uma reflexão voltada para melhor entender àquilo que se encontra entre o ponto de partida e o ponto de chegada, a rua, pensando o cotidiano incluindo ela, uma vez que, o ponto de partida é o impulso para perambular, para ir-e-vir, transitar em um deslocamento contínuo: tanto para o trabalho, o encontro na praça, no café, no bar, nos reencontros com amigos de outrora, quanto para o retorno ao ponto de partida/chegada onde efetivamente reúne o princípio e o fim da circularidade cotidiana. Giannini desvenda a estruturação da dinâmica reflexiva do cotidiano humano expressada na disposição de estar diante do outro, a conduta do sujeito não é dirigida diretamente ao mundo, mas ao outro, como um sujeito autônomo.

No que concerne um cotidiano possível, em diálogo entre e com as muitas formas de compreender o sentido da rua e do encontro com o outro. A busca pelo significado da convivência humana, remete-nos a outras questões: a rotina entre o ponto de partida e o ponto de chegada. Como essa circularidade pode oferecer uma alternativa ante a crise humanitária que emudece, isola e adoce as sociedades atuais. Diante dessas e de outras reflexões oferecidas por Giannini procurou-se entender a realização de pertencas culturais concretas, buscando renunciar a qualquer fixação etnocêntrica na realização do próprio, para pensá-lo no âmbito do processo de abertura ao outro. A “Reflexão” cotidiana dar voz ao transeunte anônimo que nos conduz a uma arqueologia do fenômeno.

O cotidiano, seus fatos e significados na esfera própria da temporalidade cotidiana abordada por Giannini propicia uma ligação de sentido, objetivamente submersa nas estruturas

já deslocadas dos fatos. Dependente de um tempo civil que todos usamos para nos encontrarmos uns com os outros, programamos as nossas tarefas dentro de um tempo convencional de relógios e calendários que fazem parte de uma entidade sagrada que não pode ser quebrada porque isso geraria uma perda para a nossa vida cotidiana. A seu ver, isso foi historicamente moldado para estruturar o tempo, para ganhá-lo e não para perdê-lo. Essa preocupação ritualista de não perder o tempo está na estrutura dos mitos, continuará através do pensamento que deles deriva: a filosofia.

Já foi referenciado o livro de Humberto Giannini que nos serviu de fio condutor dessa reflexão. Pensada em termos de um tratado sobre a questão da temporalidade. Ao evidenciar o dia que começa e termina e um dos elementos primordiais do cotidiano, a rua, onde todos os dias, a uma determinada hora, repetem-se as mesmas rotinas de ontem ou de anteontem. A seu ver, a rotina repetida na mesma hora, os cafés que abrem suas portas em um gesto de acolhimento, a circulação dos vendedores de jornais, os apelos dos que anunciam seus produtos entrelaçando-se aos passos apressados daqueles que buscam transporte público é a vida que se transforma no seu próprio movimento.

A totalidade da vida e o espaço temporário existente entre o ser e o tempo, estão presentes em sua reflexão, onde a rua se mostra com a sua essência processadora com esse carácter de ligação entre o domicílio e o fazer, onde a presença do outro, torna o percurso e a rotina um permanente desafio para pensar a outredade. No que concerne ao trabalho, nosso autor vai além do lugar onde se vende ou se executa as capacidades individuais, o lugar das disputas de poder. É também o lugar de um possível meio de convivência da vocação pessoal nas inserções sócio-humanas.

O termo arqueologia é empregado por Giannini tanto no sentido etimológico; método que enfatiza a razão aos fundamentos dos princípios; quanto em um sentido simbólico-histórico: a via que conduz às coisas soterradas no tempo, invisíveis para uma consciência (Giannini, 2004, p. 23). A arqueologia é um método adotado por Giannini para indagar os princípios na profundidade da realidade cotidiana. A fim de encontrar um senso comum que restaure a credibilidade do discurso humano. Pode-se dizer, que as memórias essenciais na existência humana se inter cruzam numa compreensão da vida e da convivência como fio condutor do pertencimento tão bem retratado no poema de Virgílio Moojen Oliveira que conclui essa reflexão.

### *Minha Rua*

*Minha rua era tão minha em sua simplicidade,  
Não sei de onde ela vinha, mas ia para a cidade...  
Com suas pedras redondas e duas magras calçadas,  
Não tinha praia nem ondas, mas como tinha enxurradas!*

*Era alegre, era risonha, tinha orquestra de pardais  
E a cantinela enfadonha de mil pregões matinais  
Ali cresci me fiz homem, e a minha rua, coitada...  
Qual as mães que se consomem, foi tudo, sem querer nada*

*Foi pista dos meus brinquedos, de jogos de correrias.  
Foi dona dos meus segredos viu tristezas e alegrias  
Viu meus passos imprecisos, viu-me garoto, um traquinas,  
E viu-me trocar sorrisos nas rondas pelas esquinas*

*Viu-me também, certo dia, sair de lá, nem sei quando...  
Por fora sei que sorria, por dentro estava chorando...*

*Guardei, porém, na lembrança aquele encanto que tinha.  
A rua em que fui criança, a rua que foi tão minha...*

O poema mencionado de Virgílio Moojen Oliveira, escrito em 1902, nos remete ao cotidiano; a Rua ressignificada pelo poeta é pertencimento, afeto, memória. É nela que a história, a evolução, os afetos, encontros e desencontros são proclamados. Nela está a expectativa do encontro ocasional, afetivo a aproximação ao outro. A rua é a abertura a imprevisibilidade da convivência.

**Referências**

- GIANNINI, Humberto. *La “reflexión” cotidiana. Hacia una arqueología de la experiencia*. Santiago do Chile: Universitaria, (1987<sup>1</sup>) 2004.
- GIANNINI, Humberto. *La metafísica eres tú. Una reflexión ética sobre la intersubjetividad*. Santiago do Chile: Catalonia, 2007.
- GIANNINI, Humberto. *Del bien que se espera y del bien que se debe*. Santiago do Chile: Dolmen, 1997.
- GIANNINI, Humberto. *Ética de la proximidad*. In: <http://www.schwartzman.org.br/simon/Delphi/pdf/giannini.pdf> Acesso: 19/03/2024.
- ACEVEDO GUERRA, Jorge. Humberto Giannini. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 179-193.
- ACEVEDO GUERRA, Jorge. *Reflexiones de la obra de Humberto Giannini*. Disponível In: <https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/123129> Acesso: 10/04/2024.
- ALBORNOZ, Igor. Humberto Giannini: la experiencia vital del poder de la palabra y el conflicto de la autenticidad e inautenticidad. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 51-72.
- FIGUEROA, Maximiliano. Sobre la reflexividad em Humberto Giannini. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 73-89.
- NAVIA PIZARRO, Lenin. *Elogio de la experiencia: aproximaciones a la obra de Humberto Giannini*. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 35-46.
- RICOEUR, Paul. “Prefacio” a la “reflexión” cotidiana. Hacia una arqueología de la experiencia. Trad. Patricia Bonzi. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 213-216.
- SÁNCHEZ, Cecilia. Introducción. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 7-12.
- SANHUEZA, Gabriel. Humberto Giannini y su propia belleza de pensar. In: SÁNCHEZ, Cecilia; AGUIRRE, Marcos (Org.). *Humberto Giannini: filósofo de lo cotidiano*. Santiago de Chile: Lom, 2010, p. 3-31.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Íris Fátima da Silva Uribe. [irisf.uribe@gmail.com](mailto:irisf.uribe@gmail.com)